

29
30 w saw

RUBEM BRAGA

VALLE E BASTOS

DOIS amigos, ambos cinquentões, estreiam na literatura. Um é Henrique Valle, um dos mais brilhantes e eficientes diplomatas de carreira do Brasil, hoje nosso embaixador em Moscou: «Sete Estórias Curtas, e uma Não Tanto», Livraria Freitas Bastos. Sei que vou entristecer o Valle, mas gostei menos exatamente das três últimas, que são as que ele escreveu mais recentemente.

O primeiro conto é uma boa crônica da vida carioca, o segundo é bem feito e pungente, com um «achado» notável no fim. O final do terceiro também impressiona, o quarto é quase uma novela e o quinto é ótimo. No sexto e no sétimo contos acontecem coisas demais em um espaço demasiado curto, e falta verossimilhança. O último tem um excesso de diálogo. O autor tem, de sobra, talento e engenho, mas paga o preço de quem deixou de lado a literatura para se dedicar a outras coisas: nem sempre encontra o tom justo nesse gênero terrivelmente difícil que é o conto. Literatura é antes de tudo uma dedicação, um ofício de paciência, e se Valle quiser será um narrador de primeira ordem.

O mesmo defeito é sensível no estilo de Humberto Bastos, que nos dá um romance («O Golpe», Gráfica Record Editora) depois de uma batelada de livros sobre assuntos econômicos e sociais. O golpe do título é o que derrubou o ditador Vargas em 45, e no livro aparecem, com os nomes próprios ou não, as figuras dominantes da política daquele tempo. Mas não é aí, nem nos casos de amor, que está o prin-

cipal interesse do livro: é na atuação dos capitalistas nacionais estrangeiros que aqui se chamam Martini Peres, Sandoval Simpson, Artemio Lins, em torno dos quais se movimentam políticos, jornalistas, cavadores, mulheres. Trata-se de um romance «à clef», em que quase sempre é fácil dar os nomes aos bois. As distorções das figuras são apenas suficientes para dar ao livro o caráter de romance mesmo, e não de reportagem, mas quando se trata de grupos econômicos que não entram diretamente na história o autor, através de dois personagens (um é um auto-retrato bem camuflado, outro Agamenon Magalhães) apresenta a ficha de algumas das grandes fortunas brasileiras, de representantes de interesses estrangeiros.

O mecanismo de pressão e influência de interesses particularistas estrangeiros e nacionais dentro do governo Vargas ou contra o Governo Vargas, conforme as circunstâncias, é posto razoavelmente a nu. O autor anuncia outros livros em seqüência a este, sobre o mesmo tema. De Humberto Bastos não podemos esperar um historiador isento, imparcial, frio, porque sua própria vida se enredou nesse mundo de interesses contraditórios e vorazes. Não se trata de uma virgem do Mangue. Seu depoimento é por isso mesmo precioso e tem o mais alto valor para quem quiser entender a melancólica e vil engrenagem íntima de nossa vida pública brasileira. Que ele continue, e estará prestando um grande serviço ao País: fará, no romance, uma obra muito mais séria e realista do que fez em seus 32 livros anteriores.

DN - 31.7.68